

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos 2



Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| H673 | História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA | |
| <i>Mônica Andrade Modesto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923081 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”? | |
| <i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923082 | |
| CAPÍTULO 3 | 26 |
| HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA | |
| <i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923083 | |
| CAPÍTULO 4 | 36 |
| EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA | |
| <i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923084 | |
| CAPÍTULO 5 | 40 |
| HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA | |
| <i>Rogério Chaves da Silva</i> | |
| <i>Paulo Alberto da Silva Sales</i> | |
| <i>Sidney de Souza Silva</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923085 | |
| CAPÍTULO 6 | 56 |
| HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS” | |
| <i>Fabiana Alves Dantas</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923086 | |
| CAPÍTULO 7 | 68 |
| HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS | |
| <i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i> | |
| <i>José Antonio de Andrade</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923087 | |
| CAPÍTULO 8 | 76 |
| VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX | |
| <i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923088 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 90 |
| HISTÓRIA INTELECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL | |
| <i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i> | |
| <i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.6001923089 | |
| CAPÍTULO 10 | 104 |
| IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS | |
| <i>Nívea Faria de Souza</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230810 | |
| CAPÍTULO 11 | 114 |
| MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE | |
| <i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i> | |
| <i>Lucio Tadeu Mota</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230811 | |
| CAPÍTULO 12 | 124 |
| MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO | |
| <i>José Antônio Dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230812 | |
| CAPÍTULO 13 | 136 |
| MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART | |
| <i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230813 | |
| CAPÍTULO 14 | 145 |
| O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO | |
| <i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i> | |
| <i>Eduardo Pimentel Menezes</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230814 | |
| CAPÍTULO 15 | 155 |
| O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE | |
| <i>Adelar Heinsfeld</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230815 | |
| CAPÍTULO 16 | 165 |
| O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO | |
| <i>Maristela Carneiro</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230816 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 17 | 180 |
| POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS | |
| <i>Rivail Carvalho Rolim</i> <i>Letícia Gonçalves Martins</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230817 | |
| CAPÍTULO 18 | 195 |
| PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945) | |
| <i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i> <i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230818 | |
| CAPÍTULO 19 | 204 |
| QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO | |
| <i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i> <i>Suely Lima de Assis Pinto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230819 | |
| CAPÍTULO 20 | 216 |
| RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808) | |
| <i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230820 | |
| CAPÍTULO 21 | 228 |
| RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP | |
| <i>Marcio Douglas Floriano</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230821 | |
| CAPÍTULO 22 | 236 |
| RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX) | |
| <i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230822 | |
| CAPÍTULO 23 | 247 |
| RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO | |
| <i>Carolina Martins Saporetti</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230823 | |
| CAPÍTULO 24 | 258 |
| REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937 | |
| <i>Eduardo Barreto de Araújo</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.60019230824 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 25 | 271 |
| VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA | |
| <i>Edson de Sousa Brito</i> | |
| <i>Camila de Souza Cardoso</i> | |
| DO 10.22533/at.ed.60019230825I | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS..... | 279 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 280 |

O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO

Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade Federal De Santa Catarina (Ufsc),
Florianópolis – Santa Catarina

Eduardo Pimentel Menezes

Pontifícia Universidade Católica (Puc/Rj)
Rio De Janeiro – Rio De Janeiro

O Presente Trabalho Foi Realizado Com Apoio
Da Coordenação De Aperfeiçoamento De
Pessoal De Nível Superior - Brasil (Capes) -
Código De Financiamento 001.

RESUMO: Este ensaio descreve, ainda que de forma superficial, a trajetória e a importância de Getúlio Vargas no fim da República Velha e sua ascensão ao poder por meio da chamada Revolução de 1930, originando o Estado Novo e a forma de governar por meio de medidas de caráter popular, denominadas Populismo. A partir de uma breve análise literária, é possível afirmar a importância da figura emblemática do presidente no cenário nacional, bem como suas ações que determinaram a estruturação da política do Brasil durante o período denominado “Era Vargas”.

PALAVRAS-CHAVE: Participação; Populismo; Revolução.

THE DAD OF THE POOR: A LOOK AT
THE ASCENSION OF THE POPULISM OF
GETÚLIO VARGAS IN THE NEW STATE

ABSTRACT: This essay describes, albeit superficially, the trajectory and importance of Getúlio Vargas at the end of the Old Republic and his rise to power through the so-called Revolution of 1930, originating the Estado Novo and the way of governing by means of measures of popular character, called Populism. From a brief literary analysis, it is possible to affirm the importance of the emblematic figure of the president in the national scene, as well as his actions that determined the structuring of the politics of Brazil during the period called "Era Vargas".

KEYWORDS: Participation; Populism; Revolution.

1 | INTRODUÇÃO

“Eu sempre desconfiei muito daqueles que nunca me pediram nada. Geralmente os que sentam à mesa sem apetite são os que mais comem”. (Getúlio Vargas)

O presente ensaio, resulta do trabalho de conclusão da disciplina de *Introducción al Sistema Político Brasileño*, realizado pelo

primeiro autor, no curso de *Master Universitario En Estudios Brasileños*, oferecido pelo *Centro de Estudios Brasileños* da Universidade de Salamanca, Espanha, no primeiro semestre de 2016.

A partir da análise da literatura específica, evidenciou-se que é recorrente, historicamente os discursos das mais diferentes personalidades, por meio de palavras de efeito, causam nas massas euforia e entusiasmo. Em se tratando de um comandante nacional, sugere ainda mais, a noção de pulso firme, de olhar atento e visão para adaptações que o momento exige. Diante do povo, em geral, o discurso é de responsabilidade, de compromisso com o bem estar coletivo. Isto entre outros atributos, caracteriza a figura pública, como representante dos desejos de um povo, um líder pragmático e que simbolize uma espécie de “salvador da pátria”, de protetor da nação.

Segundo Azevedo (2001), talvez estas sejam habilidades que Getúlio Vargas perpetuou no pensamento político das gerações futuras e dos líderes do Executivo que o sucederam. Entre outros aspectos, “os sucessores tiveram como legado a orientação e direção para presidir multidões, da retórica, fator que referenciou Vargas como “notável doutrinado” (AZEVEDO, 2001, p. 62). Segundo o autor, dentro das práticas políticas vigentes durante a República Velha, tanto o crescimento econômico quanto o industrial não poderiam ser incorporados por um governo fragmentado. Assim, para transformar o país, havia a necessidade de uma liderança política com habilidades para lidar com as tensões sociais que afloravam também dentro das esferas institucionais.

Para aliar o pensamento embasado a atitudes objetivas, Vargas, atento ao contexto da época, percebeu que alterações nos mecanismos políticos não eram feitas sem considerações sobre o cenário político. Neste sentido, Dabert (1974) defende que ele mostrava sinais de um olhar cuidadoso acerca dessas necessidades e antevia as ações que o governo deveria tomar. Para o autor, essa percepção não era fruto do acaso, pois o presidente apresentava estes sinais desde quando era criança, no Rio Grande do Sul, quando participava, mesmo que como ouvinte, das conversas que seu pai, Coronel Manoel do Nascimento Vargas, com os políticos da região. Tempo depois ingressou na carreira militar, realizando o grande sonho: era o princípio da vida política, complementada quando se tornou membro da Assembleia de seu Estado, aos 27 anos.

Considerado um jogador político, Vargas aprendeu a agir relacionando a sucessão dos acontecimentos com o tempo. Atuava em momentos e locais estratégicos e recuava quando necessário. De acordo com Kidmore (1982) já no Rio Grande do Sul, em 1927, quando ocupava o cargo de governador, manifestava visão e demonstrava o quanto o povo estaria presente nele e o quanto beneficiaria as massas populares. Apresentava-se assim como um grande líder político ao organizar suas práticas de acordo com o contexto já o direcionava a ser e ter prestígio popular. Esse fundamento foi ponto central para ele mantivesse sua política de massa mantida durante sua

permanência no poder.

2 | A TRAJETÓRIA DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS

Por presidir o governo do Rio Grande do Sul, Vargas tornou-se uma referência política nacional e segundo Debert (1979), poderia representar a classe média que clamava por um representante mais autêntico na candidatura à presidência da república. Na visão do autor, ele foi escolhido para representar a Aliança Liberal – que surgira a partir do rompimento do Rio Grande do Sul e Minas Gerais com o governo federal, nas eleições para a presidência em 1930, fato contraditório, pois as ideias do partido contrariavam a elite oligárquica, que tinha como prática política o voto de cabresto, fraude no processo eleitoral, clientelismo político e o poder dos coronéis, atitudes condizentes às concepções políticas de Vargas.

Skidmore (1982) argumenta que a vitória de Júlio Prestes, candidato do governo já estava praticamente definida. Mas reviravoltas no cenário político criaram um novo contexto. Com a deposição de Washington Luís, então presidente, a cúpula militar chegava ao Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1930, com a incontestável liderança de Getúlio Vargas, representante da oposição e que meses antes lançara um manifesto denunciando fraudes nas mesas eleitorais. Sua intenção como líder era suprimir a autoafirmação de alguns políticos da época, principalmente de São Paulo, além de levar a cabo, as promessas feitas nas eleições, entre elas, uma nova Constituição.

Porém os ânimos se exaltaram, “a agitação explodia em toda a parte, apresentando-lhes a ameaça de uma revolução nacional como jamais tinham visto” (SKIDMORE, 1982, p. 24). Assim, por meio da Revolução de 30, Vargas tomava o poder e em suas exposições reconhecia o manifesto como algo fundamental à nova política nacional, mas mantinha o discurso da ordem e da lei. A saber:

Jamais acenei para a Revolução, nem sequer proferi uma palavra de ameaça. Sempre que as contingências da luta me forçaram a falar ao público, apelei para o sentimento de cordialidade e para as inspirações no patriotismo, a fim de que a crescente exaltação dos espíritos não desencadeassem a desordem material (VARGAS, 1938, p.55).

Ao tomar posse, Vargas expressou que a revolução era decorrente da vontade do povo brasileiro e que ele apenas cumpriu com este desejo. Fonseca (1999) descreve que seu discurso mencionava que atuaria, entre outras coisas, em favor das classes menos favorecidas. O autor destaca também, que no período houve legitimação das práticas econômicas e sociais a favor de uma burguesia hegemônica no processo histórico. Assim, no âmbito econômico, o Estado Novo abriu vários institutos e agências responsáveis pela regulamentação de distintas atividades econômicas. Além disso, destaca-se o grande investimento realizado na indústria pesada, por meio da criação

de estatais que deveriam abrir portas para o surgimento de outras indústrias no país, entre elas, a Fábrica Nacional de Motores, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Companhia Vale do Rio Doce e a Hidrelétrica do Vale do São Francisco.

Nesse sentido, as políticas populistas de Vargas começam a conquistar espaço e configuraram elementos decisivos na conjuntura a qual vivia o país. Weffort (1980) destaca que o populismo virou prática política na Era Vargas, e que este o transformou em uma estratégia viável em sua gestão.

A realidade do populismo é algo mais complicado que a mera manipulação e sua complexidade política não faz ressaltar a complexidade das condições históricas em que se forma. O populismo foi um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares mais foi também um modo de expressão de suas insatisfações. Foi, ao mesmo tempo, uma forma de estruturação do poder para os grupos dominantes e a principal política de emergência popular no processo de desenvolvimento industrial e urbano. Foi um dos mecanismos através dos quais os grupos dominantes exerciam seu domínio mas foi também uma das maneiras através das quais esse domínio se encontrava potencialmente ameaçado. Esse estilo de governo e de comportamento político é essencialmente ambíguo e, por certo, deve muito a ambiguidade pessoal desses políticos divididos entre o amor ao povo e o amor ao poder (WEFFORT, 1980. p.63).

Vargas conhecia a variação de camadas que compunham a sociedade e da forma como cada uma delas os via. Segundo Levine (2001), entre os ricos havia uma relutância em aceitá-lo como chefe da nação. Mas mesmo diante dela, as classes privilegiadas entendiam que o aparato governamental estava sobre controle.

Vargas era um de seus membros; que, como dono de terras e herdeiro de uma família poderosa e de renome, ele partilhava do ponto de vista de sua classe. Sabiam que seus discursos eram planejados para o consumo das massas e que era um político consumado. Respeitavam-no por isso embora julgassem que ele havia ido longe demais (LEVINE, 2001, p.142).

Dentre os que o apoiavam estavam os industriais, que criaram condições favoráveis ao crescimento do governo por meio do reconhecimento da política varguista. Políticos e jornalistas já não escondiam o quanto admiravam a figura sagaz que ele representava, assim como os

[...] homens de negócios e cafeicultores de São Paulo, que levantaram armas na insurreição contra seu governo em 1932, [mas que] amoleceram quando ele lhes concedeu um benefício financeiro inesperado, ao subsidiar preços enquanto as exportações caíam (LEVINE, 2001, p.142).

As elites observavam as aplicações das teorias e metas estatais e compartilhavam da opinião que atitudes democráticas não condiziam com a ideia do controle político, imprescindível ao chefe de um país. Não obstante, esta atitude anti-democrática de Vargas era vista como relutância a um governo participativo o qual os políticos de centro já vinham observando. Já os esquerdistas:

[...] odiavam-no pelos laços com os industriais, pela aliança com o comando militar linha-dura e pela construção de uma máquina trabalhista que esmagou os antigos sindicatos anarquistas, só prometendo benefícios aos trabalhadores dispostos a abandonar a militância (LEVINE, 2001, p.145).

Deste modo, Vargas era apreciado por sua capacidade e tenacidade política, mas em por outro lado rejeitavam o fato de Vargas engrajar a classe menos abastada da população. Skidmore (1982) afirma que ele era reverenciado como uma figura paterna e uma parcela significativa da população demonstrava confiança e afeto pela figura política que, de certo modo, personificava o Estado. O autor comenta que Vargas discursava com energia, pedia esforços e envolvimento da população, proclamava que trabalharia “para integrar no Estado Novo todos os brasileiros, convocando-os a cooperar, com fé e entusiasmo, na obra de restauração da vida econômica e política da Nação” (VARGAS, 1938, p.187) e justificava o novo regime, com o qual

O Estado Novo corporificava, portanto, vontades e ideias que se impõem e se afirmam, dispostas a lutar, em qualquer terreno, contra todos os fatores de dissolução e enfraquecimento da Pátria – extremismos, comodismos e sabotagem. Ele mobilizará o que possuímos de mais são e melhor, para realizar o ideal de nação forte, digna e feliz. (VARGAS, 1938, p.189).

Entre as medidas adotadas em seu governo em favor do povo, Vargas regulamentou as relações trabalhistas, que culminaram na promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1º de maio de 1943. Além disso, no mesmo ano, o reajuste do salário mínimo, que fora instituído com grande repercussão em 1º de maio de 1940 e criou atividades da Comissão Técnica de Orientação Sindical, com o objetivo de dar certa vida aos sindicatos. Deste modo a alusão ao símbolo de “pai dos pobres” tornou-se mais evidente. Lenine (2001) descreve o que significou para uma jovem negra mineira, a Revolução de 30, a saber:

No pavilhão das mulheres, só se falava na Revolução e nos benefícios que ela tinha trazido para o povo. Dizia-se que ela tinha mudado as regras do jogo para os trabalhadores, os salários eram melhores; eles já podiam ter conta em banco e outros benefícios que a legislação para a classe trabalhadora trouxe. Um trabalhador pode se aposentar quando ficar velho e receber o pagamento integral do trabalho dele. Os trabalhadores estavam contentes com as leis. E Getúlio estava começando a ficar conhecido como o “pai dos pobres”. As pessoas eram disciplinadas (LEVINE, 2001, p. 148).

Uma das funções da política populista de Vargas era a relação entre o ele e os cidadãos. Desta forma, criou elos com as massas como, por exemplo, a oportunidade de os trabalhadores enviarem-lhe cartas. Segundo Levine (2001), as correspondências endereçadas à Secretaria da Presidência da República no período de 1936 e 1945 eram lidas e respondidas por Luiz Vergara, que na altura, chefiava a Secretaria, Este era responsável de propor soluções em nome do presidente às reivindicações. Dentre outras coisas, Fausto (2006) descreve que as cartas continham pedidos

empregos, vagas em hospitais, promoções, entre outros. No entanto, Fonseca (1999) alerta para a face obscura desta aparente proximidade, onde a classe operária estava subordinada ao presidente que, ao dissolver o Legislativo, eliminava os mediadores que poderiam atrapalhar as relações com os operários. A classe já vinha debilitada e o potencial reivindicatório, assim como a luta sindical, tornou-se cada vez menos expressivo. Ademais, para intensificar o acesso as massas foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que tinha por finalidade:

Centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna ou externa e servir permanentemente como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessa à propaganda nacional (TOTA, 1987, p.34).

A forma como as informações chegavam ao público eram pensadas estrategicamente e o DIP era imprescindível neste processo. Ianni (1971), aponta que no ano de 1938, mais 60% dos artigos em jornais e revistas eram matérias distribuídas pelo principal aparelho ideológico do Estado. O autor revela que o DIP promovia o nacionalismo em eventos públicos e no sistema escolar, ao mesmo tempo, censurava as mídias privadas. Corroborando, Jambeiro (2004) afirma que o DIP controlava não só o rádio, como também os jornais e revistas, as editoras, os espetáculos e manifestações de qualquer natureza, inclusive o carnaval, festas cívicas e mesmo religiosas.

Tota (1987), afiança que Vargas usava a rádio como veículo transmissor de suas ideias. Para tal, criou em 1935 o programa a *Hora do Brasil* (que na década de 1970 foi transformado na *Vóz do Brasil*) com o objetivo de popularizar as realizações do governo e esclarecer a opinião pública sobre os problemas do momento, pois o investimento na radiodifusão numa relação político-econômica com os empresários do setor neste período foi um dos meios utilizados para fabricar e consolidar a imagem de Getúlio Vargas para a nação, numa estratégia de autopromoção do governo (JAMBEIRO, 2004). Tal afirmação se evidencia com a obrigatoriedade da transmissão da *Hora do Brasil* para todo o território nacional em 1938 e a criação da Rádio Mauá em 1944, subordinada ao Ministério do Trabalho e autodenominada “a emissora do trabalho”, que popularizava a imagem de Vargas como o benfeitor dos trabalhadores do Brasil. Além disso, Jambeiro (2014), destaca que além do rádio, outros veículos de comunicação foram utilizados como forma de disseminar as ideias de Vargas, como o jornal *A Manhã* e a revista *Cultura Política*.

Vargas, fazia questão de falar na “*Hora do Brasil*”, que além de notícias fazia os ouvintes apreciarem as músicas, discursos animadores e dicas para o cotidiano. Também incentivava a publicação de livros para os jovens e literatura de cordel. Assim, para o autor, o presidente utilizava as massas para legitimar a política de Estado, e se fazia como interlocutor da classe operária, dizendo quais eram as suas aspirações, enaltecendo o slogan da “*Ordem e o Trabalho*”. Sobre a ordem, dizia que

era “condição única” para que houvesse uma dedicação ao trabalho, tão importante para a construção do país.

As escolas primárias da época, também exerceram influência na consolidação da imagem de Vargas, por meio da fixação de retratos do sorriso do presidente, de modo a perpetuar as imagens na memória dos brasileiros. Para Boito (1984) Tamanha era a iniciativa de tornar-se “popular” que até a foto oficial, de casaco e meio sorriso, amplamente distribuída em colégios, repartições públicas, clubes, estações rodoviárias, aeroportos, casas comerciais e outros, assemelhava-se a reconhecida obra *Monalisa*, de renomado pintor renascentista italiano, Leonardo da Vinci. Ademais o fato representava o quanto o governante queria além dos ouvidos, os olhos do povo em sua volta. Até mesmo os discursos presenciais perderam o vocabulário rebuscado por que “muito acadêmicos, corretos demais, não se dirigem as massas, tem mais a ver com os intelectuais” (LEVINE, 2001, p. 95).

Ademais, acredita-se que a política populista talvez possa ser considerada como resultado do processo no qual a burguesia urbana brasileira ascende ao poder em detrimento à queda da aristocracia cafeeira. Neste sentido, a industrialização foi o pilar para uma nova política, além da falta articulação no campo, do poder da classe média, de setores militares e de classes populares. Acredita-se que o governo Vargas realizou aspirações dos setores dominantes, mas tendo como base práticas que circundavam os interesses das várias classes. Assim, conseguiu legitimar o poder enquanto governante e usou de carisma e benevolência para atingir ideais políticos. Neste sentido, Vargas sabia das aspirações do povo, mas concomitantemente, estava ligado a uma oligarquia que esperava mais do que um convencional governante. Buscava a manutenção de seus princípios dentro da ordem estabelecida e almejada, no contexto em que o país vivia.

A partir de abril de 1953 e com o golpe de Estado em 1954, desencadeava-se então uma grande crise política, e assim a decadência do governo populista de Vargas. De que modo isso ocorreu, explica-se desde o início do governo e de todas as práticas adotadas por ele. Fatores como desenvolvimento econômico, social e político do país, simbolizados na acelerada modernização e industrialização são os primeiros indícios de que rompimentos nestes campos iriam acontecer. Além disso, nos anos de 1930 a 1960 ocorre a democratização das relações políticas e sociais, a expansão do sistema educacional, a conquista de direitos políticos e benefícios sociais, por parte das classes média e operária, inclusive em certas regiões agrícolas, além de outras transformações institucionais importantes, foram a consequência e o componente da ruptura político-econômica ocorrida nessa época (IANNI, 1971, p.08).

No entanto, percebeu-se que o modelo o qual Vargas escolheu era acompanhado de problemas como: mesmo que combinando interesses econômicos e políticos do proletariado, classe média e burguesia industrial, além dos outros setores da sociedade e criando instituições democráticas que de alguma forma garantiriam o acesso dos assalariados a uma parcela do poder, as condições de luta ainda eram

muito superficiais. O intuito era romper com a sociedade tradicional da República Velha e criar condições em que o Estado desse uma abertura maior para que houvesse a “nacionalização das decisões” (IANNI, 1971, p.56).

Assim, o que se observa é que o discurso do Getulismo, que propagava a distribuição de renda e desenvolvimento das classes menos favorecidas, tornava-se simplesmente teórico. Mesmo que assinalando todos os benefícios que o governo Vargas ofereceu ao povo, o que se via era que a política de igualdade das classes absorvia o salário daqueles que mais precisavam dela. O regime do salário mínimo silenciava o povo, que tinha a ilusão da segurança e de uma remuneração justa, mas que na verdade mantinha as relações de produção e a economia de acordo com a política desenvolvimentista.

Partindo desta ótica, os acontecimentos se davam em conjunto e favoreciam diferentes grupos da sociedade, em especial a burguesia, cujo ideal era o de se apropriar da crise de 1953-54 para estabelecer ideais contra o populismo varguista. De um lado, a burguesia comercial permanecia contra o regime populista. Com a construção da União Democrática Nacional (UDN), a classe pregava como ideal do partido, junto com a grande imprensa do país e Federação das Associações Comerciais do Brasil, uma “oposição liberal entreguista ao populismo” (BOITO, 1982, p.35). Do outro lado, há a burguesia industrial que compartilha com o governo os ideais populistas. Os benefícios que os industriais tiveram com a prática de governo foram inúmeros, mesmo porque o populismo estava voltado a uma industrialização cujo aspecto principal era a manutenção de uma mão de obra aliciada, ou seja, não consciente a questionar as medidas governamentais. Assim, a maneira pela qual o ideal populista entrou em “crise” no governo Vargas reflete-se em algumas curiosas situações. Burguesia comercial e industrial, mesmo com suas divergências, presenciavam a reivindicação das classes populares:

Quando a burocracia de Estado, confrontada como ascenso da luta reivindicatória das classes populares, vê-se obrigada, para não perder o controle político de sua base da massa, a contemporizar e a fazer algumas concessões frente às reivindicações populares, contrariando as expectativas expressas da própria burguesia industrial. Foi exatamente isso o que ocorreu em 1954 (BOITO, 1984, p.36).

As classes dirigentes viam-se às vésperas de uma revolução das camadas populares. Mas isso estava distante de acontecer, pois o regime não tinha interesse que estas fizessem parte do jogo político. Por meio do discurso de concessões econômicas, o governo calava a voz do povo e suas intenções revoltosas.

Mesmo que com atitudes revoltosas, o governo reconhecia o sofrimento dos trabalhadores e mostrava-se cúmplice da luta operária. Já havia evidenciado, inclusive, que almejava maior contato com as classes trabalhistas. As políticas sociais adotadas por Vargas eram prova disso, assim como as concessões políticas dadas aos trabalhadores ou a majoração do salário mínimo (em 1951 e 1952), quando

foi efetuada a reformulação do Estatuto dos Funcionários Públicos. Todos esses elementos afirmavam a mística de que o governo divulgava uma política nacional-reformista que no princípio mostrava alguns bons resultados, mas que não conteve a busca por uma maior igualdade de direitos. Deste modo, o efeito político se tornava oposto ao que o líder esperava. Em 24 de agosto de 1954 a burguesia industrial abandonou o governo e Vargas foi deposto, fato que nem o próprio presidente soube em um primeiro momento. O governo populista não suportaria romper ao mesmo tempo com a burguesia, com o imperialismo e com o latifúndio. A reação popular ao golpe aconteceu bem mais tarde, com quebra-quebras nas capitais atingindo inclusive os jornais.

3 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este ensaio descreveu de forma geral a trajetória e a importância de Getúlio Vargas no fim da República Velha e sua ascensão ao poder por meio da chamada Revolução de 1930, originando o Estado Novo e a forma de governar por meio de medidas populistas. Assim, evidenciou-se que a subida de Vargas ao poder, configura-se como uma marca na história política do Brasil, pela inserção e representatividade das “massas” nos contextos políticos.

Neste cenário, constatou-se que na “Era Vargas”, houve um certo distanciamento das oligarquias que antes ditavam as regras do jogo político, que mantinha o Brasil subordinado à dinâmica dos coronelismos e dos interesses particulares nas determinações coletivas. Isso representou, inserir na realidade política do país, a classe trabalhadora e o maior número de membros, demandou aumentar as bases sociais do poder e legitimar a ditadura que se instalava. À medida que as oligarquias começaram a perder força, a massa popular passou a ser, irremediavelmente, um elemento do jogo político, e os grupos interessados em obter legitimidade precisaram tornar-se parte dela. Neste sentido, as atitudes de Vargas aproximam-se deste objetivo ao ser declarado o “Pai dos Pobres”. Por certo outros que o sucederam absorveram seu método carismático, o seu jeito de falar ao povo.

Constatou-se, que além de desmobilizar os grupos políticos do país, Vargas também reforçou o apoio ao seu governo ao fortalecer o tom populista que intermediava sua relação com os trabalhadores. Neste cenário, a efetivação dos direitos trabalhistas e a propaganda positiva dedicada ao governo acarretou-se em mínimos movimentos de contestação e de oposição ao Estado Novo. Vargas era aceito enquanto líder capaz e necessário para se combater a ameaça comunista e promover o desenvolvimento nacional.

Comprovou-se que no âmbito econômico, o Estado Novo abriu vários institutos e agências responsáveis pela regulamentação de várias atividades que resultaram no investimento na indústria pesada e que contribuíram para o desenvolvimento

industrial do país, repercutindo no atual estágio de industrialização.

Constatou-se que o Populismo Vargasista não criou um Estado de bem-estar social, tampouco resolveu os problemas estruturais do país. No entanto, evidenciou-se um governo cheio de contradições, que contava com uma economia repleta de trabalhadores descontentes. O que restou foi um grande contingente populacional iludido e à margem da sociedade, além da perpetuação da hegemonia burguesa. Mas certamente foi a personificação do líder emblemático, que tinha a seu favor o apoio popular, uma de suas características marcantes. Vargas deixou um legado de lembranças que permanecem além até os dias atuais e que o figuraram como um grande líder na história política brasileira.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Amaral. Antecedentes do Estado Novo. In: **O Estado Autoritário e a Realidade Nacional**. eBooksBrasil.com. 2002.

BOITO, Armando. **O golpe de 1954**: A burguesia contra o populismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DEBERT, Guita G. **Ideologia e populismo**: Adhemar de Barros, Miguel Arraes, Carlos Lacerda, Leonel Brizola [online]. Rio de Janeiro: p. 217-220. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas**: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FONSECA, Pedro C. D. **Vargas**: o capitalismo em construção. São Paulo: Brasiliense, 1999.

JAMBEIRO, Othon. *et al.*; **Tempos de Vargas**: o rádio e o controle da informação. Salvador: EDUFBA, 2004.

IANNI, Octavio. **O colapso do populismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1971.

LEVINE, Robert. **Pai dos pobres? Brasil na era Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TOTA, Antônio P. **O Estado Novo**. São Paulo: Brasiliense. 1987.

VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1938.

WEFFORT, Francisco C. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna 272

C

Colonização 122, 226

E

Ensino de história 26

F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

I

Igreja católica 115

L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

R

Relações de trabalho 8, 236

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-560-0

